CONHECIMENTO: SUA RELAÇÃO COM A CIÊNCIA!

© Celeste Duque (Setembro, 2004) – Psicóloga Clínica (celeste.duque@gmail.com)

O ser humano, desde que se "conhece" ainda não cessou procurar resposta para as suas dúvidas, incertezas, receios ou medos e esta permanente busca tem vindo, ao longo das gerações, a fornecer um maior "conhecimento" de si e do mundo.

Tentando dar resposta a perguntas do género:

- O que conhecemos?
- Como, quando, onde, para quê, e porquê, conhecemos?
- O que há, de facto, para conhecer?

Assim, conhecer implica uma relação de um indivíduo com um objecto (pessoa ou acontecimento) exterior a si.

E é através do processo do conhecimento que o indivíduo apreende a natureza, a essência, e a estrutura, função ou finalidade de um determinado objecto de conhecimento (um qualquer fenómeno da natureza ou social).

O processo de conhecimento pode ser *imediato* (por exemplo, da apreensão por parte dos órgãos dos sentidos (logo, a um nível físico) ou, pode ser *mediato* (quando se efectua através da representação e construção mental na ausência dos objectos, i.e., sem que possam ser processados através dos órgãos dos sentidos).

Os fenómenos e objectos que "compreendemos" podem ser simples ou complexos, exibindo intrincadas teias de relações com outros objectos. Logo, as formas que estes processos de conhecimento assumem serão, forçosamente, diferentes (múltiplas) e produzirão níveis de apreensão e apropriação também eles distintos.

Amílcar Amorim propõe a seguinte "arrumação" tradicional das formas de saber:

- Conhecimento empírico
- Conhecimento científico
- Conhecimento filosófico
- Conhecimento teológico

De seguida ir-se-á analisar detalhadamente cada uma delas.

- O *conhecimento empírico*, segundo este autor, resultaria da experiência vulgar, quotidiana, de observações e racionalizações pessoais ou transmitidas socialmente, de doutrinas e preceitos ancestrais. E é caracterizado como um conhecimento não metódico e não sistemático, que apenas "fornece" o domínio instrumental necessário ao Homem para a sua sobrevivência e adaptação ao

meio físico e social. Não possuindo regras de validação ou de aferição, do grau de verdade que encerra.

- O *conhecimento, científico*, por seu lado, procura desenvolver a apreensão dos fenómenos, para além da sua constatação e descrição, das causas e leis que o regem, determinam ou influenciam. O saber deverá ser demonstrável, verificável e passível de se replicar. O método de apreensão é sistemático, controlado (seguindo um guião ou protocolo) e assenta na noção de prova e de verdade objectiva. O saber científico distingue-se do empírico pela noção de possibilidade de verificação, não se limitando à percepção dos fenómenos pelos órgãos dos sentidos ou através dos instrumentos desenvolvidos pelo homem com o objectivo de alcançar uma maior acuidade (como que uma espécie de refinamento ou extensão dos sentidos), dirigindo-se ao fulcro do problema, comprovando o mesmo através da experimentação controlada.
- O *conhecimento filosófico*, possui como objecto de reflexão e de investigação que são as *realidades mediatas*. Pelo que os objectos são, regra geral, grandes abstracções e generalizações de problemas que o método científico investiga de modo experimental mas que, nesta área do conhecimento, são interpretados como objectos mentais para os quais se estabelecem relações lógicas e dedutivas.
- A filosofia problematiza, a verdade em filosofia é uma busca constante não um fim em si mesmo. O saber em filosofia, ao invés da ciência, não reclama um grau de acumulação.
- O *conhecimento teológico* é, de acordo com Amorim, um conhecimento que não se demonstra nem se comprova porque o objecto – Deus, Buda, ou como se queira chamar, é incomensurável, (não se mede, não se compara, é absoluto), assenta na noção de revelação divina, saber **ø**, que não é alcançável por experiência ou experimentação mas por que o "*divino*" o revela.

João Caraça, situa-se numa vertente mais dinâmica, processual e contextualizada, indo mais longe que esta visão *estruturalista*, aparentemente lógica, estática e imutável do conhecimento, proposta por Amorim.

A interpretação da realidade exterior ao ser humano constitui-se como um imperativo de sobrevivência, primeiramente fisiológico, mas também de identidade.

A "esquematização ou mapeamento"do meio físico e social que nos rodeia transforma-se, assim, numa actividade instrumental da capacidade de sobrevivência e perpetuação da espécie. Estes mapas (conjuntos de representações e registos de sequências viáveis de comportamentos) funcionam como repositórios básicos dos saberes que são necessários para interagir num dado meio físico envolvente.

O conhecimento emerge, assim, como uma acção necessária e viável de sobrevivência do Homem. A narrativa (memória, repositório) da acção, mantida num primeiro momento em conversas "silenciosas" consigo mesmo, irá permitir a abertura de uma outra dimensão (de comunicação e social) do conhecimento como instrumento de identidade e de interacção com os outros (seus semelhantes), com os quais e, através dos quais, descobre formas mais robustas de sobrevivência colectiva. Mas, no seio desta interacção social imaterial, para além da acção de carácter físico e material, descobrem-se as diferença que constituem a raiz da identidade que posteriormente, o ser humano, procura preservar.

Este é o nível de conhecimento que emerge em comunidades simples e primitivas cuja necessidade básica é, literalmente, a sobrevivência. Comunidades que (re)produzem acções simples e semelhantes sobre o meio físico, tais como: recolha de frutos, pastorícia, pesca, etc.

Numa escalada de complexidade assinala-se a dimensão de grupo e comunitária cuja identidade se exprime nas primeiras interacções simbólicas de representação artística e ritualista ou dramática, da vida em conjunto, e da identidade individual dos seus membros, que resulta no densificar da comunicação e que passa a ultrapassar uma dimensão imediata de relação com o meio físico e atinge o nível de explicações sobre a totalidade do que os cerca. Surgem, então, as dimensões religiosas e mágicas de explicação do mundo.

Caraça, utilizando uma visão mais geométrica, define dois planos de *acção sobre o meio* – ao nível da actividade material: *o espaço* que uma comunidade ocupa e no seio do qual interage e *o comportamento* que os indivíduos adoptam na relação com o contexto concreto do espaço que ocupam.

Definindo, igualmente, dois níveis no que respeita à *acção comunicacional* (imaterial): a *persistência* (associada à capacidade de escolha e de preservação da comunidade no sentido físico) e a *coesão* (no sentido de maior robustez da comunidade, em termos sociais).

Deste modo no cruzamento dos planos:

- *espaço/persistência* – os seres humanos começam a dominar conhecimentos de natureza *técnica;*
- *espaço/coesão* – os seres humanos começam a desenvolver conhecimentos de natureza *política;*
- *comportamento/coesão* – os seres humanos começam a desenvolver conhecimentos de natureza *artística;* e
- *comportamento/persistência* – os seres humanos começam a desenvolver conhecimentos de natureza *religiosa.*

A este nível de conhecimento, João Caraça, irá chamar "*saber tácito*", porque:

- Construído a partir da acção material e imaterial primitiva imediatista e quotidiana; e
- Corresponde a um grau simples de relação do homem com o meio físico e social.

A agregação do homem em comunidades maiores (as cidades) caracterizadas pela pluralidade dos tipos de relação do homem com o seu meio físico (agricultores, pescadores, artesãos, pastores) conduz a um reforço da coesão de cada comunidade em particular, nomeadamente no esforço de replicação dos seus saberes, e de inter-relação com os outros, num espaço que, doravante, passaria a ser comum e partilhado. A necessidade de novas formas de coesão (pela presença de outras comunidades), e a amplificação das possibilidades (materiais) de sobrevivência conduzem à crescente *explicitação dos saberes*. Evoluindo estas para formas mais organizadas, como por exemplo: da técnica para a tecnologia; da política para o direito; da mágica e arte primitiva para a estética e belas artes, da coesão básica para a moral.

A diversidade de grupos que estabelecem uma relação inter-subjectiva ao nível da dimensão imaterial (comunicacional) associada às mudanças substantivas nos planos de persistência e coesão (os grupos terem de negociar entre si e basear a sua relação na diferença e na acção material) conduz à aceleração do conhecimento, originada pela concentração de recursos materiais e imateriais num mesmo espaço.

Deste modo, as cidades motivaram e facilitaram a emergência da necessidade de abordar a relação inter-subjectiva. Respondendo-lhe e solucionando-a pela explicitação dos saberes o que, simultaneamente, facilitará a partilha e o uso e, mas também, a multiplicação do saber.

As cidades possibilitaram a emergência de uma outra forma de complexidade material e imaterial – o comércio, que de novo numa cadeia de influências mútuas reforçou a capacidade de se gerar riqueza material, assim como um maior adensamento ao nível da comunicação, e circulação de saber.

A intensificação da escrita e o surgimento da acção puramente intelectual, já não associada directamente ao meio físico, irá, então, possibilitar a emergência do *saber mais organizado de carácter disciplinar* – constituindo a natureza a base da temática e depois numa aproximação auto-reflexiva o próprio acto de saber e o ser humano.

A partir daqui está aberta a porta para a reflexão sobre o método de saber, os critérios de verdade e a demonstração abstracta que conduzirão à ciência moderna[1].

BIBLIOGRAFIA:

Caraça, J. (19??).

Amorim, A. (19??).

Perderam-se as referências exactas, pelo que se pede desculpa aos autores aqui citados.

*** *** ***

© Celeste Duque – 2008-04-06

[1] Complementar esta leitura com os Textos de Apoio da disciplina de Introdução à Psicologia, 1º Ciclo – 1º Ano – 1º Semestre – 2003-2004, nomeadamente a introdução ao Texto: "*Emergência da Ciência Moderna*".